

Encontro Inter-regiões - Centro-OesteCentro-Oeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020**EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO**

INSCRIÇÃO	00066
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
CAMPUS	Cidade Universitária (Campo Grande)
CIDADE	Campo Grande
UF	MS
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO13
TÍTULO	Depois que o sol se pôs
ESTUDANTE-LÍDER	Thalya Godoy da Silveira
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Katarini Giroldo Miguel (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Os perfis produzidos sob o título "Depois que o sol se pôs", têm como tema central o abandono afetivo de mulheres no sistema penitenciário, em Campo Grande (MS). Para tal, foram entrevistadas encarceradas do Estabelecimento Penal Feminino "Irmã Irma Zorzi", de regime fechado, e do Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência à Albergada, as duas únicas penitenciárias da cidade destinadas a receberem pessoas privadas de liberdade do sexo feminino. A produção esteve sob o âmbito da disciplina Projeto Experimental II, em 2019, sob a orientação da Professora Dr^a. Katarini Giroldo Miguel, como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O objetivo principal do trabalho foi entrevistar as encarceradas para compreender os impactos emocionais e sociais gerados após a quebra de contato com seus vínculos afetivos, como familiar e conjugal, com o uso de recursos do jornalismo literário, capaz de potencializar a narrativa, com técnicas da literatura aliadas a precisão dos fatos que o jornalismo requer, como aponta Lima, em "Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura" (Manole, 2009). Sendo assim, ao humanizar, temos um texto que ajuda a facilitar a compreensão da complexidade deste problema, como explica Belo, em "Livro-Reportagem" (Contexto, 2006). Para entender o abandono afetivo de mulheres no sistema penitenciário, é necessário analisar os contextos que envolvem a permanência delas nessas instituições, como a estruturação dos presídios e as leis que regem seu funcionamento, elaboradas sob uma perspectiva androcentrista, ou seja, por e para homens, o que inviabilizava ou ignorava a existência e especificidades de mulheres em estabelecimentos penais, como afirma Lewandowski, em "Regras de Bangkok" (2016). Há também de se considerar os papéis sociais de gênero ao tratar sobre mulheres e o sistema penitenciário. Segundo Mendonça, na dissertação de mestrado "Um estudo sobre a mulher e o delito: o amor encarcera?" (2016), a imagem social do feminino reúne elementos idealizados, como de permissividade, afetuosidade e maternidade, levando a uma construção social naturalizada pela nossa sociedade patriarcal que cabe apenas a elas a função de amar e perdoar incondicionalmente para proteção e conservação da família. As mulheres estão mais sujeitas a quebra de vínculos afetivos ao serem encarceradas, seja por familiares, filhos, amigos, cônjuge ou namorado, do que os homens presos, para quem a frequência de visitas é alta e constante, visto que "a sociedade é capaz de encerrar com alguma complacência a prisão de um parente homem, mas a da mulher envergonha a família inteira", afirma Varella, em "Prisioneiras" (p. 27, Companhia das letras, 2017). Assim, aliado aos contextos de estruturação dos institutos penais e papéis sociais atribuídos às mulheres, é necessário voltar o olhar também para o perfil das encarceradas. A maioria delas é negra (68%), tem entre 18 e 29 anos (50%), possui ensino fundamental incompleto (50%), é solteira (57%), mãe (74%), desempenhava trabalho informal antes da prisão e era responsável pelo sustento familiar, de acordo com dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen Mulheres, de 2016. Por fim, existe a necessidade de estudo sobre encarceradas, pois "a tendência a tomar a mulher criminosa como objeto de estudo tem sido escassa, evitada em alguns casos e não raro ignorada", afirma Espinoza, em "A mulher encarcerada em face do poder punitivo" (p. 71, IBCCRIM, 2004). Deste modo, vemos que o abandono afetivo penitencia duplamente a mulher em privação de liberdade. Diante destas circunstâncias, o trabalho do jornalismo atua como meio para revelar a realidade local delas e, deste modo, torná-las protagonistas das próprias histórias nestes perfis.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Os perfis reunidos sob o título “Depois que o sol se pôs” foram elaborados a partir do seguinte procedimento metodológico: 1) realização da pesquisa bibliográfica e documental sobre as mulheres no cárcere, direitos garantidos para esta população relacionados à manutenção de vínculos afetivos; sobre a construção de perfis e jornalismo literário; 2) entrevista com as encarceradas para compreensão dos impactos emocionais e sociais gerados após a quebra de contato com seus vínculos afetivos; 3) relação entre as informações de pesquisa bibliográfica e documental com as histórias das presas para identificar consequências recorrentes que o encarceramento produz na vida das mulheres; 4) redação dos perfis das mulheres encarceradas com uso dos recursos narrativos do jornalismo literário; 5) pesquisa, definição e diagramação da identidade visual que integra os perfis; 6) finalização da produção dos perfis. Entre as principais fontes de pesquisa documental e bibliográfica sobre mulheres encarceradas, foram consultados os autores Drauzio Varella e Olga Espinoza. Como referências para a construção dos perfis e uso do jornalismo literário, estão Cremilda Medina, Edvaldo Pereira Lima e Sérgio Vilas Boas. A principal fonte de dados sobre mulheres encarceradas foi o Infopen Mulheres, com apenas duas edições (2016; 2018). Para solicitar autorização de entrevistas com as encarceradas, foi protocolado um ofício junto à Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário de Mato Grosso do Sul (Agepen/MS). Também foram encaminhadas perguntas sobre os estabelecimentos penais via Lei de Acesso à Informação para o órgão estadual. Além das internas, foram realizadas entrevistas com servidoras do regime semiaberto sobre a saúde mental e acompanhamento psicológico feito pelas mulheres encarceradas. Também foi entrevistada uma psicóloga para entender sobre o papel social feminino e como se aplica às relações de afetividade. Entre as entrevistas e solicitações de informações, foram feitas as decupagens dos materiais, registros em anotações e com o uso de gravador, devido à proibição da entrada com celulares em estabelecimentos penais. As entrevistas envolveram perguntas não só acerca da desagregação afetiva, mas também sobre a vida antes do espaço de aprisionamento, para melhor compreensão da relevância dos personagens citados na vida daquelas mulheres e o peso da falta de visitas. Portanto, os roteiros de perguntas foram semiestruturados para cada perfilada, visto que a intenção era realizar entrevistas em profundidade que, segundo Medina, em “Entrevista: o diálogo possível” (Ática, 2005), o entrevistador anula-se perante a fonte. Para a autora (2005, p. 15), “este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior. Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social”. Tratar o tema em perfis proporcionou o protagonismo das entrevistadas e empatia ao leitor com o relato de uma população marginalizada, não considerada merecedora de tolerâncias devido o aprisionamento e quebra de expectativas projetadas pelo papel social feminino. “A escrita de perfis me ajudou a me conhecer melhor e talvez tenha ajudado os meus leitores a se verem por um ângulo diferente. Humanizar não é um mistério. É uma providência simples”, aponta Vilas Boas em “Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio” (p. 274, Manole, 2014). Deste modo, terminada a redação, fazendo uso de técnicas do jornalismo literário como a reprodução de diálogos, descrições de ambientes e construção cena a cena das memórias, a fim de potencializar as narrativas sobre abandono afetivo destas mulheres encarceradas, foi feita a revisão jornalística, elaboração da identidade visual e, por último, a finalização dos perfis.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

O trabalho reúne três perfis de internas do Estabelecimento Penal Feminino “Irmã Irma Zorzi”, de regime fechado, e do Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência à Albergada, ambos em Campo Grande (MS). Conta também com a introdução que faz uma contextualização sobre o trabalho, sua elaboração, ambientações e dados que envolvem mulheres e o abandono afetivo que lhe penitenciam duplamente no sistema penitenciário. O nome “Depois que o sol se pôs” nasceu da ideia que o pôr do sol indica o retorno das internas para o estabelecimento penal de regime semiaberto e aberto. O sol é, também, capaz de aquecer e iluminar, assim como afetivamente as pessoas que construímos vínculos afetivos. Outra alusão pertinente ao título foi que, após o crepúsculo, surgem as estrelas. Juntas, elas formam constelações, as mesmas que inspiraram os pseudônimos das perfiladas que não quiseram se identificar. A constelação de Leão nomeou Leonora, Ursa Maior deu lugar a Úrsula e Lyra permaneceu com este nome. No caso dos personagens secundários, as identificações foram inspiradas em estrelas que compõem a constelação em questão, indicadas no final de cada capítulo. Tendo todos esses aspectos em vista, a diagramação considerou o tema, com a abertura de cada capítulo em preto e pseudônimo das entrevistadas em branco, fazendo uma referência às cores e contrastes do céu a noite, para valorizá-las de forma individual. Ainda, o perfil é acompanhado pela ilustração de uma mulher com a constelação em seu cabelo que serviu como inspiração para o pseudônimo da fonte. Por ter muitos dados, nomes de sistemas e relatórios, considerou-se uma diagramação, realizada no software Adobe InDesign, com caixas de texto nas bordas das páginas na cor cinza, que valorizasse a informação e tornasse a leitura mais agradável. Os perfis não possuem um padrão narrativo, como número de caracteres ou de descrições, pois foram desenvolvidos conforme o relato das entrevistadas. Algumas eram de fala ligeira e outras calmas. De descrever muitos detalhes sobre sua vida ou ao silêncio entre as frases para a mais reservada. A intenção foi deixá-las contar suas histórias e refletir na escrita. A união vem pelo uso das técnicas do jornalismo literário, como reprodução de diálogos interpretados por elas e as descrições cena a cena memoradas durante a entrevista. Lima (2009) aponta que o jornalismo literário é capaz de cativar o leitor. Segundo o autor, a narrativa que faz uso da técnica justifica-se pelo cuidado em buscar o equilíbrio entre não construir deuses ou personagens corrompidos, uma das maiores preocupações e objetivos deste trabalho. “Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com as suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações” (LIMA, 2009, p. 359). Com o trabalho de perfis, Vilas Boas (2014) afirma que é importante atentar-se que a entrevistada não se restringe a um aspecto de sua história, observação considerada ao elaborar o roteiro com perguntas também sobre a vida das fontes antes da prisão. Portanto, ao tratar do passado das internas durante as narrativas, o autor afirma que se lidará com lembranças e esquecimentos, como foi possível notar com o trabalho de campo. Lima (2009, p. 127) define memória como “resgate das riquezas psicológicas e sociais”. Assim, o trabalho aqui apresentado buscou fazer uso dessas técnicas, a fim de narrar, com a devida consciência e responsabilidade, esta penitência silenciosa que aflige mulheres encarceradas. Por último, os perfis foram diagramados e compilados em um caderno, disponibilizado virtualmente, a fim de divulgar a publicação às fontes entrevistadas, acadêmicos e comunidade em geral interessada.